

O campo da comunicação e os estudos de consciência verbal

Maria Aparecida Baccega

Nosso trabalho objetiva trazer, para discussão, subsídios sobre o **campo da comunicação**, que entendemos resultado do encontro dos pólos de “emissão” e “recepção”, ou seja, enunciator e enunciatário, num intercâmbio permanente de “posições”. A partir desse enfoque, encaminharemos a discussão sobre comunicação enquanto apropriação/incorporação e o papel da consciência verbalmente constituída nesse processo.

A comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta. A comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. Não se pode, evidentemente, isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em perpétua evolução. (Bakhtin)

1. Introdução

A chamada cultura de massa e as demais culturais convivem, nem sempre pacificamente, nos mesmos espaços. Os choques entre elas se manifestam de maneira mais ou menos evidente. Desses choques vem resultando um novo *fazer* cotidiano onde se manifestam, concomitantemente, a solidariedade e ao individualismo, a reunião de pessoas e o ensimesmamento.

A fragmentação das várias culturas, que pareciam cristalizadas, a separação intransponível entre o público e o privado já não se marcam tão eficazmente. O que antes se ocultava, hoje se mostra com meridiana clareza, procurando garantir seu espaço. A vida das pessoas, quer na zona rural ou urbana, quer nos pequenos ou grandes centros, se desenrola num cotidiano permeado de contradições, avanços e recuos.

Percebe-se hoje, no mundo, um repensar de caminhos, que se manifesta em propostas diferenciadas de inserção do homem na realidade. Todas as culturas lutam para ter vez e voz. Sob a aparente fragmentação, está em construção o mundo da globalidade,

entendida como o espaço onde o jogo das diferenças se coloca como manifestação de identidade a ser resgatada e respeitada.

Os meios de comunicação de massa, graças aos avanços da tecnologia, desempenham, nessa realidade, o papel de “costura”, de amálgama de pólos às vezes díspares, às vezes complementares.

Nesse cenário, os estudos de Comunicação/Cultura/Artes estabelecem, também, seus novos caminhos: não mais a fragmentação da especialização e sim a especialização que medeia a globalidade. Reconfiguram-se, portanto, as bases para estudo, pesquisa e atuação profissional nessa área.

2. O Campo da Comunicação

Essa reconfiguração trabalha no **campo da comunicação**, o qual se constitui de múltiplas variáveis que se esbarram, se atropelam, lutam entre si, que parecem desaparecer – e voltam vigorosas – que, de modo algum, enfim, são neutras. Só a atuação de todas e de cada uma delas garante que nesse campo se manifeste, de modo específico, a construção de sentidos novos, renovados ou mesmo sentidos com roupagens outras – sempre inter-relacionados à dinâmica da sociedade, lugar último e primeiro onde os sentidos verdadeiramente se constroem.

2.1 - O intercâmbio enunciator/enunciatário

Essa reconstrução de sentido resulta, sobretudo, do intercâmbio de posições enunciator/enunciatário. A apreensão desse movimento é condição indispensável para os estudos do **campo da comunicação**.

a) Todo indivíduo/sujeito que produz qualquer programa, qualquer produto da chamada indústria cultural é um sujeito **enunciator** (*emissor*) no sentido de que ele é o formulador de um discurso de comunicação, ele é o agente desse discurso; mas ele é, ao mesmo tempo, **enunciatário** (*receptor*) de todos os discursos sociais que caracterizam a realidade em que vive, na qual se construiu como indivíduo comunicador. São valores, estereótipos, manipulações e simulacros que caracterizam seu universo. São aspectos que, de algum

modo, estão presentes nele. E o indivíduo/comunicador os “recebe” através de filtros, cuja elaboração a própria sociedade possibilitou e de que nem sempre tem consciência. Logo, o sujeito que elabora os produtos dos meios de comunicação é ele próprio um **enunciator/enunciatário**.

b) Do outro lado, no pólo da chamada “recepção”, vamos encontrar também um indivíduo/sujeito, portador de configurações, de verdades e valores que permeiam o imaginário, presentes no cotidiano das pessoas, dos grupos, das classes sociais. Ele tem um universo próprio, o qual se coloca em movimento quando ele ouve, vê ou lê qualquer produto. Ele é **enunciatário** no sentido de que seu universo – ou a visão que o comunicador tem de seu universo – está incorporado no discurso que ele “recebe”. Ele é o alvo desse discurso.

Mas ele não é tão somente um recipiente onde se colocam tais discursos, como se fossem produtos maleáveis que vão se acomodando ao formato prévio, imaginado pelo enunciator. Pelo contrário, ele é um indivíduo/sujeito ativo, que, ao “ler” o discurso da comunicação, utiliza-se de todos os outros discursos sociais por ele apropriados. São esses discursos que embasam a leitura do discurso “comunicado”, reconfigurando o sentido.

Ocorre que a comunicação só se efetiva, como sabemos, quando, mais que sua apropriação, há incorporação dessa reconfiguração do discurso “emitido”. Essa incorporação só ocorre e só pode ser verificada quando se manifesta: esse discurso **outro**, construído no encontro dos dois pólos – “emissor” e “receptor” – inicia um novo processo comunicacional. O enunciatário é, portanto, **enunciator** (“emissor”) desse discurso **outro**, incorporado. Ele é, portanto, um **enunciatário/enunciator**.

2.2 - As relações com as Ciências Sociais

As Ciências Sociais constituem o núcleo primeiro dos estudos de comunicação: o **campo da comunicação** resulta delas, configurando-se como realidade outra. Ele é fruto de um processo que se inicia

com a tentativa de mera “reprodução” das metodologias daquelas ciências, passa pela fase de *apropriação* e segue para sua *incorporação*. A incorporação re-constitui as Ciências Sociais, numa permanente interdiscursividade.

Na verdade, consideremos que se pode falar de dois momentos distintos das inter-relações entre as Ciências Sociais e a Comunicação:

a) O discurso científico, como sabemos, deve ser “lido” à luz do domínio da ciência que o formulou: ou seja, está inserido num processo de conhecimento específico, que possibilita que o passo seguinte de uma descoberta científica já esteja virtualmente inscrito no que acaba de ser materializado. Num primeiro momento, os estudos de comunicação procuram “reproduzir” tais percursos científicos.

A “reprodução”, porém, mostra-se impossível: aquela ciência passava a ser alocada em outro domínio – o da comunicação, o que implicava viés de sentido. Ou seja: o simples fato de as Ciências Sociais se deslocarem de seus domínios originais resulta numa refração. Essa refração reconfigura a própria característica da ciência e começa a possibilitar uma outra dinâmica aos estudos de comunicação. Inicia-se, assim, o percurso rumo à *apropriação* das Ciências Sociais. Podemos falar, aqui, de um primeiro momento de *metassignificação*.

Ou seja: os estudos de comunicação vão se constituir **a partir** das Ciências Sociais estabelecidas; utilizando-se de cada uma delas, a comunicação vai reconfigurá-las, vez que elas deixam seu domínio de origem e passam a participar de um outro. Ocorre, portanto, um primeiro nível desse processo de metassignificação que resulta do diálogo delas com a comunicação. Assim se inicia e se estabelece o processo de *apropriação*.

b) Ao serem apropriadas, porém, cada uma das **Ciências Sociais**, que já haviam começado a se deslocar de seus domínios, passam a dialogar com as outras, as quais também se encontram fora de seus domínios, incorporadas aos estudos de comunicação; encontram-se também, portanto, **reconfiguradas**.

Trata-se de um segundo nível de *metassignificação*, possibilitado pelo intercâmbio de cada uma das ciências apropriadas com as demais ciências também apropriadas, de que resulta um discurso científico **outro**, onde as Ciências Sociais se manifestam com especificidade diversa: a Filosofia, a

História, a Sociologia, a Linguagem, etc., deslocadas de seus domínios de origem, reconfiguradas no confronto com as demais ciências na mesma situação, são agora *incorporadas* pelos estudos de comunicação. É a **interdiscursividade**. Anos de estudos teórico-práticos consolidam a constituição desse novo campo. Esse é o modo que, hoje, as Ciências Sociais embasam o **campo da comunicação**.

2.3 - As Interações

É nesse **campo da comunicação** que se estruturam, mais ou menos lentamente, novos sentidos, novos valores. O discurso **outro** que aí circula arranca as palavras do cotidiano para com elas construir-se; contém tanto o “efetivamente” vivido como as possibilidades humanas do viver. Apreende e manifesta tanto a consciência social quanto a consciência estética. Logo, o discurso da comunicação é resultado, também, dos discursos da História e da Ficção.

Consideramos que esse **campo da comunicação** constitui-se como base teórico-metodológica e prática dos estudos nessa área, o que resulta da constatação da necessidade de adequar os estudos de comunicação às mudanças ocorridas em todo o mundo, não apenas nas áreas política e tecnológica, como, e talvez sobretudo, na retomada que se busca de uma visão não compartimentada do saber, uma visão globalizada dos problemas da sociedade e, portanto, das questões de Comunicação/Cultura/Artes.

É necessário dar conta do uso crítico das tecnologias, tão difundidas no que tradicionalmente é chamado de Comunicação e/ou Artes, de forma a saber planejar seu uso com a máxima eficácia, adequando-as aos objetivos desse novo mundo que se constrói.

A pesquisa e a produção de conhecimento no **campo da comunicação** ocorrem como resultado do diálogo permanente das várias áreas do saber incorporadas pela comunicação e pelas artes e da interação entre o resultado desse diálogo e a prática social.

Consideramos que o espaço privilegiado da interação Comunicação/Cultura/Artes é o cotidiano, universo mais próximo e a partir do qual o indivíduo vê o mundo. Objeto de disputas entre as instâncias de poder que lutam para administrá-lo, o cotidiano, cuja materialização se efetiva na linguagem, é o centro da práxis, o lugar de mudanças e/ou permanências, lugar da concretude da

mediação da comunicação. Aí se manifesta a subjetividade.

O universo de cada indivíduo (enunciador ou enunciatário) é formado pelo diálogo entre os discursos sociais, nos quais seu cotidiano está inserido. E é a partir dessa materialidade discursiva que se constitui a subjetividade. Logo, ela nada mais é do que o resultado da polifonia que cada indivíduo carrega.

Formada a partir dessa materialidade discursiva, ela institui um **eu** plural, que manifestará, num movimento espiralado, sua reelaboração desses discursos, utilizando-se para isso, da matéria-prima com a qual eles se formaram – ou seja, **os signos da sociedade** em que esses discursos circulam. Como lembrou Massimo Canevacci em conferência na ECA, o pronome da 1ª pessoa em italiano deveria ser *ii*. Seria como se disséssemos *eus* em português, e assim estaríamos indicando a pluralidade na individualidade, sem que se confundisse com o *nós*.

É no **eu** que se articulam estruturas e processos. Nele estão presentes tanto os resultados do percurso histórico daquele grupo e/ou classe social, que condicionam as ações, quanto os processos das ações, a efetivação dos comportamentos dos indivíduos.

2.4 - Formação Profissional

São estudos do **campo da comunicação** que podem embasar a formação de um comunicador capaz de cumprir o seu papel de mediador, utilizando-se, com o mesmo peso, da sensibilidade e da técnica. Como diz a Universidade Stendhal, de Grenoble, deve-se buscar a “*formação de cérebros para o século XXI*” e não a mera especialização profissional, que muitas vezes leva o indivíduo a um mesmo recorte da realidade, a qual, por isso, acaba por se apresentar como uma estrutura repetida e repetidora.

Esse “profissional do século XXI” há de ser capaz de perceber, distanciando-se e envolvendo-se, a dinâmica da vida social, a gestação do novo manifestada no cotidiano, a diassincronia das interações, as tecnologias como mediadoras privilegiadas pela condição que têm de amplificar, redimensionando, a própria vida social.

Para que isso ocorra, é necessário que os estudos caminhem no sentido de romper as barreiras das disciplinas, sem descaracterizar-lhes a especificidade; de possibilitar uma **sólida formação humanística**, na base de um humanismo renovado, que

possibilite ao comunicador perceber a **ação interativa das questões sociais**; de oferecer-lhe condições de **alargamento da sensibilidade**, sem a qual ele não conseguirá abandonar o automatismo das decisões prontas, num mero gesto de reprodução. E tudo isso aliado a uma **prática contínua**, com objetivos claros, num processo de inter-relação com a sociedade.

3. A Linguagem e a Consciência: alguns apontamentos

Daí a importância dos estudos de linguagem para o **campo da comunicação**. E, dentro do amplo espectro desses estudos, o destaque para o código verbal, o mais democrático, aquele que todos os seres humanos dominam, que todos somos capazes de produzir com nosso próprio organismo. Todo ser humano tem a **faculdade** da fala. Mas ele aprende a falar numa determinada sociedade. Através da fala, ele adquire a experiência daquela sociedade, daquele processo histórico. Nem todo ser humano tem a possibilidade de se expressar satisfatoriamente através das artes plásticas, por exemplo, ou através da escala musical.

A **palavra, signo verbal**, vai possibilitar a “costura” entre os campos – domínios – dos outros signos. Ela é o **signo básico**.

Os seus **significados** só vão ser introduzidos pelos indivíduos a partir da sua “experiência”, ou seja, a partir da práxis. E a práxis possível é aquela que o processo histórico da sociedade onde ele nasceu faculta. Em outras palavras: a **práxis dos ianomama**, por ex., **nunca será a práxis de uma sociedade tecnologicamente desenvolvida**. Mas também eles não se colocam questões que necessitem dessa práxis tecnologicamente desenvolvida para serem resolvidas.

No signo, como diz Bakhtin, temos uma **realidade dialética**. Nele se *confrontam índices de valor contraditório*. *O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes* (p. 46). E também uma **realidade dialógica**: o signo é resultado dos vários diálogos que existem na sociedade, quer entre diferentes domínios, quer no mesmo domínio. E essa é a substância da língua: *o fenômeno social da interação verbal*.

3.1 - Pensamento conceptual, ideologia e consciência

Todo pensamento conceptual é linguístico, é formado a partir de signos e todo signo já traz embutida a carga de valores daquela sociedade, traz uma avaliação

ideológica (bom/mau; bonito/feio; verdadeiro/falso, etc.). Como diz Bakhtin,

não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (p. 95)

O domínio da ideologia (a superestrutura) comporta a religião, as crenças, o jurídico, a ciência, a arte, etc. E cada um desses domínios vai usar o mesmo signo com significados diferentes. Esses significados serão dados pela atualização do signo num determinado texto, pelos diálogos que se travam no interior de cada domínio (da religião, da literatura, da política, etc.), pelos diálogos dos domínios uns com os outros e pela inter-relação dos domínios com a infraestrutura.

A refração da realidade subordina-se a vários “tapas”, a várias “viseiras”, a várias mediações. Daí poder se afirmar que a palavra é **dialógica**. Ela é o resultado desses vários diálogos. Ela é, portanto, resultado de um longo processo lúdico de esconde/esconde, em cujo processo, num certo momento (o momento da construção do texto), a palavra se desvela para continuar a modificar-se. Assim a palavra tribo: tanto pode significar “conjunto de jovens” (década de 90) quanto pode servir para “diminuir” as etnias: os jornais costumam dizer que o que existe na África do Sul, em Angola, em Ruanda (e nos países africanos de maneira geral) é uma questão tribal. E, com isso, ninguém precisa preocupar-se com as 500.000 mortes ocorridas em Angola nos dois últimos anos, por exemplo. Afinal, trata-se apenas de “uma questão tribal” e eles são mesmo “primitivos”. Ou, então, os jornais afirmarem que uma minoria étnica (9% da população) conseguiu tomar a capital em Ruanda. Bem, e as armas? Quais os interesses econômicos e políticos que estão movendo esses conflitos?

Ou a palavra *índio*, recentemente tão usada para indicar o movimento armado que os camponeses de Chiapas decidiram encetar para tentar melhorar suas condições de vida e fazer ver ao mundo que o Acordo do NAFTA não beneficiava, na verdade, o povo mexicano. E quando se fala em índio, se descaracteriza o movimento,

pois no **“imaginário” da população latino-americana** o índio é “primitivo”, “vagabundo”, não serve para nada. Nem para ser escravizado e trabalhar nas plantações. Precisaram até trazer os negros escravos!

Daí poderemos perceber o seguinte:

a) o signo é uma realidade material, que reflete/refrata uma outra;

b) gera efeitos que só podem ser percebidos quando manifestados na realidade concreta e objetiva;

c) para que o signo gere efeitos, é preciso que seja **compreendido**;

d) para que o signo seja compreendido, é preciso que haja um **“acordo”** entre os falantes de um grupo (daí a importância do conceito de norma);

e) e o signo é compreendido através de uma cadeia de signos, ou seja, não voltamos a todo momento à “coisa” representada. Interpretamos a partir de outros signos que a sociedade nos possibilitou;

f) em cada signo dessa cadeia se manifestaram (e manifesta-se) os valores da sociedade;

g) assim se forma a consciência.

Logo, a consciência é formada de signos. Os signos são resultado de indivíduos socialmente organizados que “atribuem” os “valores aos signos. Os signos são incorporados por nós já com essa carga de valores. Aí está a ideologia.

A consciência individual é, portanto, como diz Bakhtin, *um fato sócio-ideológico*. (p.35)

Até mesmo nossos discursos interiores se dão com os signos de nossa realidade. O processo de compreensão de um signo implica a aproximação de seu significado com outro já conhecido. A interpretação do mundo, a da realidade objetiva se dá, portanto, através de **signos constituídos socialmente**. É do exterior para o interior que a realidade se abre a nós. Ou seja, é dela própria, realidade, onde estão os signos, para nossa consciência. A consciência é formada a partir do exterior, diferentemente do que diziam os Românticos, que pregavam que a língua nada mais era do que o **veículo** para transmissão dos “pensamentos”. E, ao “transportar” esses pensamentos, normalmente os “deturpava”. Para eles, o pensamento, a consciência, a ideologia são “fumacinhas” formadas não sabemos como. Na verdade,

A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comu-

nicação semiótica e são diretamente determinados pelo conjunto das leis sociais e econômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura, mas apenas um inquilino do edifício dos signos ideológicos. (p. 36)

3.2 - A importância da palavra

Há vários motivos para que possamos considerar a palavra como o signo mais importante:

a) a palavra carrega a história do grupo. Por ex., a palavra caneta (o que é hoje – a esferográfica, a BIC; o que já foi – a caneta com pena, a caneta tinteiro; a Everysharp, a Parker: 21, 51, ou Schiffer, etc.). Ou seja, assim como estão também os avanços tecnológicos daquela sociedade. E a história que aprendemos primeiro é a do nosso grupo (familiar e/ou de classe). Schaff diz que *“a palavra é a prática social solidificada”*;

b) assim sendo, o que aprendemos é efetivamente o “recorte” que aquele grupo nos entrega e pronto. Ou, como diz Hjelmslev, a **“forma do conteúdo”**;

c) mas há um outro aspecto também indissociável: a palavra é na verdade um signo **neutro**. E é o desdobramento desse entendimento que nos permite verificar de forma cabal a importância dela e a condição do ser humano de se tornar indivíduo/sujeito (**indivíduo** como resultado dos condicionamento sociais e **sujeito** como aquele que tem condições de fazer novas leituras, de articular novas elaborações, de realizar novas práticas).

Por ser neutra, a palavra:

a) tem condições de estar em qualquer domínio: ela tanto está no Editorial do jornal quanto na página policial (candidato, por exemplo); tanto está na canção popular quanto na crítica cinematográfica (mulher, por exemplo); tanto pode estar na lição de matemática quanto no jargão de programas policiais (elemento, por exemplo). Afinal, ela só vai adquirir seu significado de acordo com o contexto.

b) por ter condição de estar em qualquer domínio, ela oferece também possibilidade ao indivíduo de se tornar sujeito, ou seja, na mesma medida em que ela nos oferece (ditatorialmente até) a história daquele grupo e nos obriga a, inicialmente, termos uma percepção direcionada da realidade, assim também ela vai nos permitir que,

usando como “base”, como “território” a concretude dessa realidade que ela nos desvela, possamos refratar essa realidade a partir de nossa subjetividade. Dizendo de outro modo: a palavra é neutra; carrega a história do grupo (arte, ciência e técnica); assume seu significado no domínio onde é empregada; não tem, portanto, um único significado: ela está prenhe deles; a inter-relação entre esses significados nos possibilita a elaboração de novos significados, os quais, sempre ligados à práxis, possibilitarão uma nova visão da realidade, um avanço, enfim; essa “nova visão” estará relacionada sempre ao universo “de partida”; só a inter-relação entre significados nos possibilita avançar no caminho do conhecimento. Ex. dizer que a Polícia de São Paulo mata x pessoas por dia, não revela totalmente a hediondez do fato; porém, se dissermos que a guerra da Bósnia mata menos pessoas que a Polícia de São Paulo, talvez a sensibilização seja maior.

Ou ainda se dissermos que a Polícia do Brasil mata x pessoas por dia – configurando a pena de morte de fato, ainda que não de direito – e isso até agora não significou o fim da criminalidade (nem poderis significar) talvez as pessoas entendessem que a pena de morte nunca foi o caminho para se refrear os atos delituosos.

c) por ser neutra, a palavra é capaz de “costurar” os campos semiológicos. Ou seja, as cores (pintura), os gestos (dança), a escala musical (música), o volume (arquitetura) são signos que só podem circular nos seus domínios específicos. Já a palavra circula em todos os domínios.

Como diz Bakhtin, *cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua maneira*, pois cada um deles dispõe de uma determinada função no conjunto da vida social, ou seja, *cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios*. Só a palavra tem a condição de circular por todos os domínios, exercendo qualquer função ideológica (*estética, científica, moral, religiosa*; p.33-36-37). Essa condição dá-nos a dimensão da sua importância.

3.3 - A palavra e a práxis

Lefebvre, ao tratar das “Funções da Linguagem”, em seu livro **Linguagem e Sociedade**, aponta como uma dessas funções a função relacional:

Abaixo da linguagem, ao nível “sublingüístico”, há o existencial – “natureza”, dor, necessidade, prazer, desejo, envelhecimento, morte, espaço e tempo. Há representações confusas e comumente admitidas. Na “supralingüística”, há o essencial, visado pela linguagem, atingido através dela: os conceitos, os “universais”, os sentidos. Incluindo as entidades notoriamente fictícias, parcialmente imaginárias ou representadas imaginariamente (simbolicamente), parcialmente vividas: a juventude, a feminilidade, a virilidade. E também a francesidade (para os membros da comunidade lingüística que fala a língua francesa), e a historicidade (o que é compreendido como histórico, etc.). A linguagem, nível médio, mediação, instaura uma transição perpétua entre o sublingüístico e o supralingüístico. O que faz parte, para nós, da função relacional. O individual, o que se nomeia com um nome próprio, aparece no nível inferior; transparece na linguagem, reaparece ao nível mais elevado, o dos sentidos”. (p.285-286)

A sensação de dor, por exemplo, caracteriza todas as sociedades humanas. (Em qualquer outra cultura o fogo queima e a queimadura arde.) Porém até a dor será “sentida” de acordo com o grupo a que pertencemos. Em muitas etnias, quando a mulher tem filhos, é o homem que sente as dores do parto.

É a linguagem, portanto, que faz essa mediação entre o *existencial* e o *essencial*. Porém, não podemos nos esquecer de que essa mediação não é estática, não é definitiva em nenhum grupo. Vejamos, por exemplo, a própria noção de masculinidade/feminilidade. EM épocas recentes, já houve momentos em que cabelos compridos caracterizavam a mulher; depois, os cabelos compridos passaram a ser também usados pelos homens, e a noção de masculinidade incorporou esse comportamento. Poderíamos falar também da incorporação dos brincos, etc.

Hoje, as ciências da linguagem não ignoram a “vida real”. Pelo contrário, é só através da **dialética da “vida real”** que podemos pensar os estudos da linguagem. Daí as Teorias do Discurso.

O conceito de linguagem como “parte da práxis”, e não como “componente” dela, vigiu durante muito tempo. Hoje sabemos que **a comunicação se estabelece na práxis**. A própria práxis, onde se manifestam solidariamente trabalho e existência, supõe a

condição de planejar. E a condição de planejar antes de executar, só é possível a partir do sistema maior de abstração que o homem soube engendrar: a linguagem. Portanto, a linguagem é da natureza da práxis. E a práxis é da natureza da linguagem.

Fica claro, então, que a consciência é um fato *sócio-ideológico*. Ela não é individual, como pleiteavam os Românticos e como, ainda hoje, se percebe no imaginário da população, numa sacra postura idealista. **A consciência se constitui socialmente, a partir do exterior, a partir dos signos, sobretudo a palavra, que compõem o universo do indivíduo/sujeito.** Ela se manifesta socialmente, a partir de um indivíduo/sujeito para outro indivíduo/sujeito. (Ainda que o outro seja ele próprio – discurso interior – ou seja um “representante médio” do horizonte social possível do emissor).

Como diz Bakhtin,

fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado (o gesto, a palavra, o grito) a consciência é uma ficção. Não é senão uma construção ideológica incorreta, criada sem considerar os dados concretos da expressão social. Mas, enquanto expressão material estruturada (através da palavra, do signo, do desenho, da pintura, do som musical, etc.), a consciência se constitui um fato objetivo e uma força social imensa. É preciso notar que essa consciência não se situa acima do ser e não pode determinar a sua constituição, uma vez que ela é, ela mesma, uma parte do ser; uma das suas forças; e é por isso que a consciência tem uma existência real e representa um papel na arena do ser”. (p.118)

A cada manifestação da ideologia, da consciência, o homem se produz. E essa manifestação, que passa a fazer parte do universo cultural daquele grupo, passa a compor a formação de novas consciências, agrega aos indivíduos outros componentes para sua ideologia. Já que, como vimos, será sempre do exterior para o interior que a consciência e a ideologia se constroem. Logo,

não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior; mas o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis. (p.118)

3.4 - O cotidiano e a palavra

As manifestações da vida cotidiana são manifestações da consciência e da ideologia

que foram formadas (do exterior para o interior, no âmbito de uma determinada classe social e de uma camada ou grupo) em cada indivíduo/sujeito. Ocorre que, em cada manifestação, há uma refração (maior ou menor) da ideologia conformada. Cada manifestação, cada atitude, cada comportamento reveste-se dos dois lados: o trabalho e a existência, a objetividade e a subjetividade. E a totalidade dessa “solidariedade” está presente, da maneira mais evidente, nas relações do cotidiano. Assim se estabelece a chamada “ideologia do cotidiano”.

Chamaremos a totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana, assim como a expressão que a ela se liga, ideologia do cotidiano, para distingui-la dos sistemas ideológicos constituídos, tais como a arte, a moral, o direito, etc. A ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência.

São manifestações que, fruto da realidade dialética que é o signo, fruto da **palavra** enquanto signo proponderante, embora estejam presas à ideologia dominante (já que é a partir dessa ideologia que se formarão tais manifestações, ou seja, não podemos esquecer que o novo surge do velho, que cada palavra carrega a “prática social solidificada”, carrega a história do grupo a que pertence o falante e a história do próprio falante), ainda não se fixaram nos sistemas ideológicos constituídos. Partem deles e os criticam. É no cotidiano que permanentemente se inicia um processo de atualização da ideologia dominante, que, a partir do que está, indica o vir-a-ser. E esse vir-a-ser tanto pode ser algo novo, quanto pode redundar na reafirmação do que já está. É o caso do chamado Plano Real, entre outros.

É, portanto, na **ideologia do cotidiano** que se banham os sistemas constituídos e nessa ideologia se reforçam, dela se nutrem. Por isso, o cotidiano tem merecido tanta atenção. Por isso é nele que têm se jogado as “partidas” decisivas da dominação. Não apenas por ser o espaço privilegiado onde as pessoas estão menos “armadas” para sua própria defesa, mas também porque sem essa seiva continua a ideologia dominante não se mantém.

3.5 - Como se fossem notas finais

Do que foi colocado até agora, uma lição

se faz clara: a **substância da língua não é o sistema** (como dizia Saussure), **mas a interação verbal, que ocorre no âmbito social.**

Daí o conceito de que o **signo é dialógico**. Isto é, todo signo, toda palavra resulta desse imenso diálogo social que se estabelece a cada momento na sociedade: entre os indivíduos, entre as classes, entre os segmentos das classes, entre as gerações, entre os domínios, entre a infra-estrutura e a superestrutura.

A comunicação verbal só se dá em situações concretas, com as quais estabelece seus vínculos. Ela estabelece vínculos também com outras linguagens presentes nessas situações concretas: o gesto, a entonação, etc. E cada manifestação verbal possui elos com as que a antecederam naquele mesmo domínio.

De todo modo, reafirma-se a condição da palavra:

enquanto ponto de partida social do pensamento individual, a linguagem é a mediadora entre o que é social, dado, e o que é individual, criador, no pensamento individual. Na realidade, sua mediação exerce-se nos dois sentidos: não só transmite aos indivíduos a experiência e o saber das gerações passadas, mas também se apropria dos novos resultados do pensamento individual, a fim de os transmitir – sob a forma de um produto social – às gerações futuras. (Schaff, p. 250-251)

Não é isso a comunicação?

Maria Aparecida Baccega

• Profª Drª do Deptº de Comunicações e Artes da ECA/USP

Bibliografia:

1. BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo, Hucitec, 1989.
2. SCHAFF, A. Linguagem e conhecimento. Coimbra, Almedina, 1974.